

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS**

JULIANO PORSCH MESSA

AS CONSEQUÊNCIAS DA PRESENÇA JESUÍTICA PARA A CULTURA GUARANI

**São Borja
2021**

JULIANO PORSCH MESSA

**AS CONSEQUÊNCIAS DA PRESENÇA JESUÍTICA
PARA A CULTURA GUARANI**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas pela Universidade Federal do Pampa, como requisito para aprovação total e obtenção do título de Licenciado em Ciências Humanas.

Orientador: Ronaldo Bernardino Colvero.

**SÃO BORJA
2021**

Ficha catalográfica elaborada automaticamente com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a) através do Módulo de Biblioteca do
Sistema GURI (Gestão Unificada de Recursos Institucionais) .

M838c Messa, Juliano Porsch Messa

As consequências da presença jesuítica para a cultura
guarani / Juliano Porsch Messa Messa.

33 p.

Trabalho de Conclusão de Curso(Graduação)-- Universidade
Federal do Pampa, CIÊNCIAS HUMANAS, 2021.

"Orientação: Ronaldo Bernardino Colvero Colvero".

1. As consequências da presença jesuítica para a cultura
guarani. 2. Os povos missioneiros. 3. Os Sete Povos das
Missões. 4. A catequização nos Sete Povos Missioneiros. I.
Título.

JULIANO PORSCH MESSA

AS CONSEQUÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO JESUÍTICA PARA A CULTURA GUARANI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Ciências Humanas - Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em Ciências Humanas.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09 de outubro de 2021.

Banca examinadora:

Prof. Dr. Ronaldo Bernardino Colvero

Orientador

UNIPAMPA

Prof. Dra. Carmen Regina Dorneles Nogueira

UNIPAMPA

Ma. Tiara Cristiana Pimentel dos Santos



Assinado eletronicamente por **RONALDO BERNARDINO COLVERO, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 11/10/2021, às 17:53, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **TIARA CRISTIANA PIMENTEL DOS SANTOS, PESSOAL VOLUNTÁRIO**, em 23/10/2021, às 06:59, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



Assinado eletronicamente por **CARMEN REGINA DORNELES NOGUEIRA, PROFESSOR DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 19/01/2022, às 16:08, conforme horário oficial de Brasília, de acordo com as normativas legais aplicáveis.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.unipampa.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0636352** e o código CRC **7F147136**.

AGRADECIMENTOS

Ao professor Ronaldo Bernardino Colvero e a professora Carmem Regina Dorneles Nogueira, Anderson Pereira Corrêa, pelas ótimas conversas durante essa jornada de pesquisa, sempre procurando tirar as mais variadas dúvidas, agradeço pelo tempo disponibilizado.

Não posso deixar de agradecer muito a minha tão amada mãe, Rosane Tereza Porsch Messa, que tem me apoiado em toda essa caminhada de desafios, te amo muito.

RESUMO

Este estudo teve como objetivo mostrar as consequências da presença jesuítica para a cultura guarani, ou seja, as modificações que ocorreram em todos os aspectos da mesma, com base nisso utilizou-se como metodologia a pesquisa documental e bibliográfica. Dessa forma, compreendeu-se que a mistura de valores, sentimentos e costumes que foram ao longo dos anos confundidos com os seus próprios e com os trazidos pelos europeus, ocorrendo assim uma aculturação, certamente, a consequência mais significativa na história dos guaranis. A partir das informações obtidas, realizou-se uma reflexão sobre o processo de aculturação evidenciando a ação europeia que visava mudar totalmente a cultura indígena com o abandono, inclusive, da língua e dos costumes nativos, adotando um novo modo de vida baseado no cristianismo europeu.

Palavras-chave: Aculturação, Cultura guarani, missões jesuítas, catequização jesuítica.

ABSTRACT

This study aimed to show the consequences of the Jesuit presence for the Guaraní culture, that is, the changes that occurred in all aspects of it, based on this, documentary and bibliographic research was used as a methodology. Thus, it was understood that the mixture of values, feelings and customs that were over the years confused with their own and those brought by the Europeans, thus occurring an acculturation, is certainly the most significant consequence in the history of the Guaraní. From the information obtained, there was a reflection on the acculturation process, highlighting the European action that aimed to totally change the indigenous culture with the abandonment, including, of the native language and customs, adopting a new way of life based on European Christianity.

Keywords: Acculturation, Guaraní culture, Jesuit missions, Jesuit catechization.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. OS POVOS MISSIONEIROS.....	11
2.1 OS SETE POVOS DAS MISSÕES	17
3. A CATEQUIZAÇÃO NOS SETE POVOS MISSIONEIROS	19
4. AS CONSEQUÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO EUROPEIA PARA A CULTURA GUARANÍTICA	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS.....	32

1. INTRODUÇÃO

As missões Jesuíticas na América Espanhola foram realizadas por Padres da Ordem Jesuíta como também por Padres franciscanos, com o objetivo de evangelizar e expandir o território, os nativos do até então novo território descoberto e chamado de novo mundo, terras essas “descobertas” pelos colonizadores europeus. Conforme os estudos de Schallenberger (1995) os jesuítas promoveram uma revolução social e econômica nas tribos indígenas, considerando que as reduções representaram a organização de um novo espaço em um território totalmente despovoada, em sua percepção.

Essa revolução se deu por meio das Missões Jesuíticas, também conhecidas como Reduções, que eram aldeamentos indígenas organizados e administrados pelos padres jesuítas da Companhia de Jesus. Iniciou-se no Brasil no ano de 1549 e tiveram uma longa jornada até sua expulsão pelo Marquês de Pombal no século XVIII, por acusa-los de estarem apoiando os indígenas na resistência contra Portugal.

As reduções, como eram chamadas, se organizavam em aldeamentos de índios que ficavam sob a administração dos padres jesuítas. Estavam espalhadas por todas as partes dos territórios das colônias, estabelecidas na região de fronteira entre Brasil, Bolívia, Paraguai e Argentina, organizadas nos padrões de cidades europeias, contendo uma aceitável estrutura física, administrativa e espiritual. Para um melhor delineamento do cenário de estudo, importa observar que em um período de, aproximadamente, um século, entre os anos de 1609 e 1706, os padres jesuítas expandiram sua atuação para o atual Rio Grande do Sul.

Assim, observa-se que os Sete Povos das Missões foram resultado da estratégia do Governo espanhol para a colonização da região do Rio da Prata, colonização essa que já teve como modo de se ocorrer com a criação das missões jesuíticas da primeira fase na América Espanhola, mas com o seu término se deu logo depois a criação das reduções dos Sete povos Missioneiros. As reduções eram formadas por São Francisco de Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista e Santo Ângelo Custódio. As missões foram fundadas e organizadas por Padres da Companhia de Jesus. Em tais povos havia Índios de diversas etnias, mas a maioria era Guarani. Os sete povos missioneiros, assim chamados, eram as reduções que se localizavam no atual Rio

Grande Do Sul, que no passado¹ era da América Espanhola (DECKMANN FLECK, 2007a).

O trabalho de pesquisa efetuou um pequeno recorte acerca dessa cultura europeia, informando que os padres jesuítas, por meio do processo de catequização dos Guarani, introduziram sua própria cultura na cultura nativa. As perdas e transformações de identidade que ocorreram para esses povos que habitavam essas regiões foram bastante significativas no que tange à cultura e tradições (SCHNEIDER et. al., 2017).

O tema de estudo é importante ao acadêmico de Ciências Humanas pela busca por um melhor entendimento de todo esse processo ocorrido na região platina durante o período de 1609 e 1706, quando os padres jesuítas expandiram sua atuação para o atual Rio Grande do Sul. Foi de suma importância conhecer os Sete Povos Missioneiros, as relações de padres e nativos que ocorreram com todo esse processo de catequização de uma cultura em relação a outra, as consequências que trouxeram para os Guaranis tanto na identidade, cultura e suas transformações.

O tema de estudo foi as Reduções Jesuíticas dos Sete Povos Missioneiros no Estado do Rio Grande do Sul. Delimitou-se o estudo levando em consideração a chegada dos padres Jesuítas no século XVII à região do Rio Grande do Sul e o contato dessa cultura com os povos nativos que transformaram essa região. Eram culturas distintas que entraram em choque, trazendo a subjugação de uma sobre a outra.

O problema de pesquisa apresentado foi a questão de que a Fronteira Oeste do atual Rio Grande do Sul, que faz divisa com a Argentina, é uma região histórica marcada por conflitos e pelos interesses entre as coroas espanhola e portuguesa. Interesses esses que, na maioria das vezes, se resolviam com lutas e guerras, como a **Guerra Guaranítica**, ou Guerra dos Sete Povos, foi um conflito envolvendo índios da tribo Guarani e as tropas portuguesas e espanholas, entre os anos de 1753 e 1756, **que resultou das decisões do Tratado de Madri** a respeito dos limites dos domínios de Portugal e Espanha na América do Sul. Foi em um momento que se entendeu a necessidade de uma nova forma de garantias para a presença da coroa espanhola aqui, que foi a criação das reduções dos Sete Povos. O estudo buscou responder a

1 Durante todo o período colonial, a região sul foi palco de vários confrontos entre os colonizadores espanhóis e portugueses. Para o lado hispânico, a parte sul tinha grande importância, pois dava acesso às valiosas minas incrustadas nas proximidades do rio da Prata. No entanto, apesar de não integrar os territórios do Tratado de Tordesilhas, os portugueses também ocuparam a região através da fixação de missões jesuíticas e o desenvolvimento do bandeirantismo de apresamento.

seguinte pergunta: quais as consequências da colonização europeia, através do estabelecimento das reduções jesuíticas, para a cultura guaranítica?

O estudo justifica-se pela importante história das Missões, visto que é uma das raízes da cultura regional do Estado do Rio Grande do Sul. Essa cultura faz parte de uma gama de culturas que integram a identidade missioneira da região platina, englobando os países do Prata. Dessa forma, é fundamental aprofundar o conhecimento em relação a história missioneira e os processos que esses povos sofreram para, assim, poder entender o nosso presente, e as transformações que aconteceram durante o tempo.

A relevância do tema vai ao encontro dos Parâmetros Curriculares Nacionais “ao reconhecer as formas de organização social e cultural das comunidades indígenas” quando se conhece a realidade e transformações ocorridas em épocas passadas e se começa a compreender e respeitar as diferenças de outros povos.

O objetivo do estudo foi compreender as implicações da catequização jesuítica sobre a cultura e religião dos guaranis Mbyá nos sete povos missioneiros. Especificamente, o estudo buscou analisar elementos da cultura dos Padres Jesuítas; conhecer elementos da cultura guarani; investigar a cultura deixada pelos jesuítas aos guaranis nos sete povos missioneiros e problematizar o processo de catequização nos Sete Povos e suas transformações na cultura Guarani.

O estudo foi realizado através de revisão bibliográfica em livros, documentos históricos, artigos e demais materiais científicos que abordam a temática estudada.

A presente pesquisa tratou-se de uma pesquisa totalmente bibliográfica qualitativa descritiva. O trabalho está organizado em três capítulos que estão divididos em subcapítulos. No primeiro capítulo, serão tratados os povos missioneiros. No segundo, a catequização nos Sete Povos Missioneiros. E, por fim, quais as consequências da colonização europeia, através das reduções jesuíticas, para a cultura guaranítica.

2. OS POVOS MISSIONEIROS

Na colonização europeia realizada no leste da América do Sul, notou-se que línguas estreitamente relacionadas eram faladas ao longo de um extenso espaço geográfico. Eram povos pertencentes ao tronco linguístico Tupi, falado do litoral Atlântico até a Bacia do Rio da Prata, cobrindo uma área de mais de seis mil quilômetros.

Em sentido Leste-Oeste encontravam-se, não necessariamente de forma constante, do Atlântico até a base dos Andes, ocupando trechos do curso do Rio Amazonas até seus formadores, envolvendo uma distância de quase três mil e quinhentos quilômetros, conforme os estudos de Schneider et. al. (2017).

Considerando-se que o tronco Tupi reúne cerca de sessenta línguas, divididas em 10 famílias linguísticas: Awetí, Mawé, Mundurukú, Jurúna, Arikém, Tuparí, Ramaráma, Mondé, Puruborá e Tupí-Guaraní, as nove primeiras encontram-se distribuídas em uma área relativamente reduzida entre os rios Madeira e o Xingu e o sul do Rio Amazonas, enquanto que, no restante do Brasil, nordeste da Argentina, sul do Paraguai, Uruguai, leste da Bolívia, leste do Peru, Colômbia, Venezuela e Guiana Francesa falam-se línguas muito semelhantes entre si, associadas então à família Tupí-Guaraní, da qual a língua Tupinambá e a Guaraní fazem parte (SCHNEIDER et. al., 2017).

Para iniciar o estudo sobre os Sete Povos Missioneiros, é necessária uma breve reflexão acerca da presença desses grupos no Estado do Rio Grande do Sul, que tem a sua população estimada em 11.322.895 pessoas atualmente, segundo dados do IBGE (2017). O nosso estado não iniciou com a chegada dos primeiros europeus. Os primeiros habitantes do Rio Grande do Sul, foram os gês, os guaranis e os pampeanos, segundo o livro História do Rio Grande do Sul, de Danilo Lazzarotto (1978).

Lazzarotto (1978) afirma que os indícios mais antigos do **homem na América são de, há aproximadamente, 38.000 anos**, no noroeste dos Estados Unidos. O **Rio Grande do Sul** passou a ser **habitado pelo homem há mais de 12.000 anos**. Segundo o autor, **os Guaranis foram os primeiros agricultores do Rio Grande do Sul**. Entraram como invasores. Parece que chegaram em duas levadas: a primeira entre os anos de 300 a 400 d. C. e a segunda entre os anos de 1000 a 1100 d. C.

Os estudos de Schneider et. al. (2017) trazem informações e dados históricos que sugerem que no começo do século XVI, durante o estabelecimento das primeiras colônias europeias, os Guarani viviam seu auge geográfico e demográfico, com uma população estimada em mais de dois milhões de viventes. Esse grande alcance territorial e expansão demográfica não passavam apenas pela organização espacial e social, mas também pelo sucesso conquistador diante de outras etnias, apresentando a tendência de incorporar o outro, o não-Guarani, por meio de alianças ou assimilação à custa das contínuas guerras de conquista. Observa-se que é possível encontrar sítios Guarani sempre nas camadas superiores dos estratos arqueológicos pré-coloniais.

Feiber (2013) afirma que depois dos primeiros contatos com os europeus, essas populações começaram a declinar, restando, no final do século XVII, poucos grandes núcleos Guarani fora do sistema colonial. Perto do ano de 1700, em grande parte do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná, do oeste de São Paulo, do Uruguai e das províncias de Buenos Aires, Entre Ríos, Corrientes e Misiones encontravam-se apenas grupos isolados. Em alguns pontos do centro do Rio Grande do Sul, as datações chegam, entretanto, até finais do século XVIII. Ainda na visão da autora:

As reduções jesuíticas surgiram no espaço do atual Estado do Paraná (Província del Guayrá) e no decorrer do processo histórico trasladaram ao Rio Grande do Sul (Sete Povos das Missões), onde se juntaram a outras reduções num território que hoje faz parte da Argentina e do Paraguai (Trinta Povos das Missões). A construção geográfica permeada pela história é um caso específico de tentar formar, em tempos modernos, um espaço ideológico através da arquitetura. Observamos nele uma dinâmica relação entre espaço social e espaço arquitetônico, um conjunto claramente geográfico (FEIBER, 2013, p. 1).

Importa ressaltar que no século XVI, os jesuítas atuaram junto aos indígenas objetivando o aldeamento dos gentis, estabelecendo aldeias próximo aos núcleos de povoamento. O intuito era submeter e integrar o indígena ao processo de colonização, preparando-o também para servir de mão-de-obra gratuita para esse processo (PONTES, 2010). Segundo a autora, sabe-se que:

No século XVII, as atividades das missões religiosas dirigiram-se para as “reduções” - denominação dada às aglomerações indígenas sob a autoridade dos padres. As reduções contrapunham-se aos desejos dos colonos em escravizar o indígena e da Coroa Portuguesa em fazer do índio um colono

para povoar a terra e servir aos interesses comerciais da metrópole (PONTES, 2010, p. 58).

Entre as primeiras décadas de existência, as reduções eram pequenos povoados, a população era em torno de trezentas a mil pessoas, com variações devida a intensas epidemias, guerras e fome. As cabanas eram feitas de adobe e telhados de palha, tanto nas casas como nas igrejas, uns povoados surgiram outros se dividiram e muitos desapareceram (PONTES, 2010). Considera-se que:

Redução ou Aldeamento era um processo de reunião de expressivo número de tribos indígenas, no mesmo povoado, proporcionando-lhes todas as condições de uma vida digna, sob os mais variados aspectos: alimentação, moradia, educação e, sobretudo, formação cristã. Sonhava-se com a constituição de uma réplica viva das primitivas comunidades cristãs [...] (KREUTZ, 2015, p. 27).

É possível perceber que a intenção dos padres era a de que esses novos povoados fossem criados a exemplo das cidades europeias, tendo como centro do povoado a igreja, demonstrando assim a importância que a mesma tinha em todo esse processo de transformação de uma cultura nativa. Em uma nova forma de viver e pensar sobre o mundo, sendo essa forma de ver através das formas e interesses propostos pela Igreja.

Pontes (2010) afirma que se observam em diversos documentos históricos que retratam os acontecimentos da época, que no que tange aos jesuítas, eles tinham o objetivo de preparar os indígenas como mão-de-obra necessária para o auto sustento da Companhia de Jesus². Já os colonos precisavam dos índios para que tocassem suas roças, fazendas e engenhos como escravos. Então com o processo da Missão, os índios catequizados passaram a ser o braço produtivo e o braço guerreiro do domínio português no Brasil.

As reduções eram organizadas em padrões, elas eram construídas em torno de um pátio central, com salas de aula, refeitório e cozinha, tinham oficinas para se

² A **Companhia de Jesus** (em latim: *Societas Iesu*, S. J.), cujos membros são conhecidos como **jesuítas**, é uma ordem religiosa fundada em 1534 por um grupo de estudantes da Universidade de Paris, liderados pelo basco Íñigo López de Loyola, conhecido posteriormente como Santo Inácio de Loyola. A Congregação foi reconhecida por bula papal em 1540. É hoje conhecida principalmente por seu trabalho missionário e educacional. Disponível em: <https://bit.ly/3mwsB00>

aprender vários tipos de métodos manuais de atividades exercidas nas reduções. Era voltada para a catequização através do ensino aprendizagem.

[...] era edificada em torno de um pátio central, com salas de aula, refeitório e cozinha, e estava destinada aos meninos que se alfabetizavam. Nas oficinas, os meninos aprendiam música e canto e dedicavam-se ao aprendizado de um ofício. Atrás da igreja se estendiam o pomar e a horta, onde os meninos aprendiam técnicas agrícolas e eram produzidos alimentos que sustentavam os doentes e as mulheres viúvas. As moradias dos Guarani se erguiam do outro lado da praça e eram de pedra, com muros de um metro de espessura e cobertos com telhas. O aldeamento contava ainda com uma portaria, uma hospedaria, capelas, uma prisão e um relógio de sol (DECKMANN FLECK, 2007a, p. 110).

É possível perceber que os padres se preocupavam em passar essa nova forma de cultura, não dando importância para a forma com que os nativos viviam até então, ocorrendo uma transformação no seu modo de viver em comunidade onde eles começaram a produzir objetos não com valor utilitário, mas em muitas vezes com valor de mercado, ou seja, valor que se tinha na Europa, o de acumulação e produção de bens.

Toda essa nova forma de se viver que os europeus trouxeram para os nativos dessa região se mostrou totalmente diferente da forma com que os índios viviam até então. Suas crenças, costumes, formas de se ver as coisas começaram a ser mudadas, ocorrendo assim uma total modificação em sua cultura (OLIVEIRA, 2004).

Os indígenas que habitavam o Brasil antes da chegada dos jesuítas viviam da caça, da pesca e da agricultura de milho, amendoim, feijão, abóbora, bata-doce e principalmente mandioca. Os índios domesticavam animais de pequeno porte como, por exemplo, porco do mato e capivara. Não conheciam o cavalo, o boi e a galinha. Importa saber:

O espaço físico, no caso das reduções, concentra-se na igreja e seus arredores. Neste ambiente se localizam as imagens devocionais e demais objetos sacros, além de objetos de cunho simbólico, como a pedra do altar, a água benta e as hóstias. O ritual católico teatral proporciona bastante espanto e admiração aos gentios, quando estes o comparam aos seus próprios rituais (FEIBER, 2013, p. 84).

Já a organização das atividades consistia em regularizar uma vida cotidiana, inculcando uma rotina aos indígenas, a exemplo da rotina dos padres. Tal rotina consistia em desenvolver e participar de atividades religiosas durante todo o dia, bem como atividades que garantissem a manutenção da redução. Dessa forma, a vida na

Missão inicia-se com a oração pela manhã, atividades de manutenção da redução e à noite realização de exercícios espirituais visando a conversão dos índios para o catolicismo, a catequização (FEIBER, 2013).

Importa lembrar que as reduções espanholas representavam uma estratégia utilizada pela Corte para garantir o domínio e a posse da terra nos limites entre Espanha e Portugal. Com essa organização tentou-se, também, uma melhor integração da força econômica (e da inteligência) dos indígenas para prover um ganho tributário e um desenvolvimento econômico.

Dessa forma, o então governador de Assunção, Hernandarias de Saavedra, solicitou a intervenção dos jesuítas para que estes se instalassem com as primeiras reduções nos limites entre os dois impérios coloniais, fato que ainda assegurava a região dos ataques escravistas advindos dos bandeirantes brasileiros (SCHNEIDER et. al., 2017).

Deckmann Fleck (2007a) afirma que a moderação das emoções, a normatização de ações e a eliminação de comportamentos inconvenientes ficam evidenciados nas referências à observância dos códigos de postura corporal. Assim, os padres utilizavam de diversos artifícios para convencer os indígenas sobre pecado, erros e acertos, bem como para que obedecessem a suas ordens sem reclamar, considerando os castigos e ir para o céu ou inferno.

Eram muito usados pelos padres o artifício de dar presentes para os nativos para assim conseguirem uma aproximação com as comunidades indígenas, os Caciques recebiam todo tipo de presentes, espelhos, roupas, escovas etc.

Tais atos como os de curvar-se diante do santo em sinal de respeito, baixar a cabeça como forma de aceitar uma ordem, caminhar de uma determinada forma em procissão e ocupar um lugar específico dentro da igreja, durante a missa eram ensinados e tornavam-se comuns na rotina das reduções jesuíticas.

Feiber (2013) afirma que além da questão espiritual e política-simbólica, existia também a questão econômica do novo sistema de produção. Os jesuítas buscaram instalar uma forma moderna de produção, com uma produção em massa e relações de trabalho homogêneas, até quase de forma fabril, como uma agro-indústria semelhante à dos engenhos.

Esta forma era bem diferente às complexas relações sociais (com as quais se entremeava o trabalho) no feudalismo. Através dessa nova organização de trabalho

os jesuítas queriam manter as estruturas urbanas, mas também quitar seus tributos perante a Coroa. Para isso precisavam de uma economia de excedente.

Para Saito e Lauro (2017), os motivos econômicos dos indígenas eram divergentes aos dos jesuítas, pois os primeiros caçavam para sobreviver, já os segundos, se desenvolviam por meio do acúmulo de insumos e riquezas. Entretanto, o atendimento espiritual e medicinal nas reduções trazia certo alívio para essa divergência. Observa-se ainda que muitos indígenas mantiveram o seu sistema de coivara³ (*koybara*) nas terras fora do perímetro da Missão, utilizando para fins particulares, e com o tempo, integraram essa prática em uma parte da rede de trocas dos excedentes da redução.

Os jesuítas traziam um discurso diretamente religioso, onde se utilizavam de historiografia cristão para explicar a simbologia católica, colocando na vivência dos índios o imaginário do céu e do inferno, do bem e do mal, do mal feito e do pecado para pagar por isso. Retomando essa ideia, importa ressaltar que:

O discurso missionário nos revela não somente o universo simbólico jesuítico, como também sua difusão nas reduções jesuítico-guaranis. Sonhos, visões, batismos, confissões, curas milagrosas e ressurreições são referidos pelos missionários para ressaltar a intensidade do fervor religioso dos indígenas (DECKMANN FLECKb, 2007, p. 12).

Ainda nesse cenário, as obrigações dos indígenas para poderem permanecer na Missão, ou mesmo não serem castigados, considerando a efetiva obrigação de permanecer à qual eram colocados, as atividades religiosas eram o grande foco do cotidiano, como já foi dito, e fazia parte da rotina da Missão. Para os padres, quando os índios aceitavam essa rotina, estavam efetivamente catequizados, pois:

A assistência às missas, a participação nas procissões e festas religiosas e as penitências e autoflagelações são tomadas como indícios da adesão aos valores cristãos e como demonstração pública da interiorização e assimilação da "civilização dos afetos e da conduta" pretendida pelos missionários (DECKMANN FLECK, 2007a, p. 13).

³ Consiste na derrubada de uma área de floresta primária ou de capoeira alta que, em seguida, é deixada para secar e depois é queimada. Nessas clareiras, são plantadas roças por um período de dois a três anos. Depois disso, são gradualmente abandonadas, sendo visitadas, apenas, para a coleta de frutos. Esse tipo de agricultura exige, também, a transferência contínua dos cultígenos de uma roça para a outra. Nesse sentido, fazer uma roça supõe estar inserido em uma rede de troca, fator essencial para a existência do sistema. IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Proteção e Sustentabilidade do Ecossistema**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/846/>. Acesso em: 05 ago. 2021.

Dessa forma, se registra que o uso da terra, os modos de produção e a geração de excedentes integravam os guaranis gradativamente ao mundo ocidental facilitando a introdução de valores morais e éticos do cristianismo ocidental no seu mundo (SCHNEIDER et. al., 2017).

2.1 OS SETE POVOS DAS MISSÕES

Os estudos de Deckmann Fleck (2007b) relatam que os primeiros jesuítas chegaram ao Paraguai no ano de 1610, fundando aldeamentos para a conversão indígena e defendendo a política expansionista espanhola na área do Rio da Prata, nesse período se organizavam os “Trinta povos das Missões jesuíticas”.

As Missões em 1680 sofrem ataques constantes, tanto pelos índios não convertidos, como também pelos bandeirantes luso-brasileiros. Devido aos intensos conflitos, os jesuítas criaram sete novos aldeamentos, que serviram para a defesa da região. Um dos motivos dos ataques que ocorriam constantemente era porque o gado era algo de suma importância para os luso-brasileiros, cada vez mais eles adentravam para o interior a procura do gado, expansão essa que levou a expansão e introdução e migração dos Sete povos para a banda oriental do rio Uruguai.

Esses novos aldeamentos estabeleceram-se na bacia do Rio Uruguai a partir de 1682, e foram conhecidos como “Sete Povos das Missões”, são eles: São Borja (1682); São Nicolau, São Miguel e São Luiz Gonzaga (1687); São Lourenço (1691); São João (1697) e Santo Ângelo (1706).

A origem dos Sete Povos Missionários, conforme informações do Museu das Missões⁴ acessados no ano de 2013, se deu na redução de São Francisco de Borja, que se constituiu da Redução de São Tomé e de Jesus – Maria dos Guenoas. Sua Igreja foi construída em 1705, com desenho do arquiteto alemão José Brasanelli.

Após veio o povo de São Nicolau, proveniente da antiga redução de Apóstolo, ocupando a redução de São Roque Gonzalez, fundada e abandonada no ano de 1638. Nessa redução estavam os melhores escultores das Missões Jesuíticas.

⁴ Essas informações e as que seguem sobre as origens dos Sete Povos foram colhidas em pesquisa pessoal, realizada no ano de 2020, quando o interesse pelo tema já se afluía no pesquisador. Informações colhidas no Museu Municipal José Olavo Machado, na cidade de Santo Ângelo - RS

São Miguel foi fundada pelo Padre Cristobal de Mendonza no ano de 1687 e se estruturou definitivamente no Rio Grande do Sul após a fuga dos bandeirantes. Sua igreja só foi erguida em 1735 e concluída quase dez anos depois, no ano de 1744 a igreja de São Miguel foi finalmente terminada.

O povoado de São Luiz Gonzaga foi formado por 900 famílias que viviam anteriormente na redução de São Joaquim. Já São Lourenço foi desmembrada da Redução de Santa Maria, e sobre esse povo, dizia-se que a igreja era a mais bela de todas as Missões, que foi destruída por um incêndio que causou sua total destruição.

O povoado de São João Batista foi formado pelos habitantes de São Miguel que já estava com excessivo número de pessoas. Os trabalhos de organização desse povoado ficaram sob a responsabilidade do Padre Antônio Sepp. O último dos Sete Povos Missionários foi Santo Ângelo, que se formou a partir do povoado de Nossa Senhora da Conceição. Sua igreja abrigava a imagem de Santo Inácio de Loyola e de São Pedro Nolasco.

A partir dos estudos de Pontes (2010), é possível observar que as reduções se formaram a partir de uma outra já existente. E o trabalho proposto pelos jesuítas a partir de 1682 não era mais apenas buscar indígenas para compor os povoados, e sim formar exércitos e lutar pela ocupação de um espaço onde pudessem desenvolver suas atividades e construir as reduções, como forma de proteção a esses grupos.

Conforme a documentação disponível no Museu das Missões (2013), diversas comunidades fragmentadas passam a viver entre os missionários para se proteger das ameaças coloniais, considerando-se a força e a bravura dos guerreiros indígenas. Ainda, nos primeiros cem anos, as reduções eram apenas pequenos povoados, com aproximadamente trezentas a mil pessoas cada uma. Esse número variava ano após ano por conta de epidemias, fome e guerras.

O próximo capítulo irá tratar sobre o processo de catequização nas missões jesuíticas, trazendo contribuições que irão enriquecer o estudo, além de colaborar na construção do conhecimento.

3. A CATEQUIZAÇÃO NOS SETE POVOS MISSIONEIROS

De Paiva (2000) em seus estudos propôs atenção à catequização dos índios ocorrida no contexto da colonização no período de 1549 à 1600. Tal período compreendeu a primeira catequese. Retomando que os jesuítas vinham da sociedade quinhentista portuguesa e seguiam essa visão arduamente em suas ações e missões, é importante refletir a respeito da forma como a catequização ocorreu.

O autor relata que o que determinava a cultura portuguesa àquela época era a sacralidade da sociedade, com uma crença no *orbis christianus* que estava sob o comando do Papa e do Rei.

Importa observar que a Companhia de Jesus, conforme os estudos de Leite (1938), foi criada no ano de 1540 e no Brasil, desembarcou com a comitiva do governador geral da colônia, Tomé de Souza. Foram adotados diversos métodos de catequese que visavam converter a população nativa à religião do Cristianismo. Entretanto, conforme o mesmo autor, a verdadeira base do sistema missionário era o aldeamento, reunindo os índios em povoações onde havia controle e era transmitido o modo de vida cristão.

Ao chegarem ao Brasil, os jesuítas objetivaram, de início, converter os indígenas por meio dos ministérios já praticados na Europa, onde o a pregação e o ensino da doutrina cristã, adequando o conteúdo e a forma dos discursos à realidade dos novos ouvintes.

Então, com muito esforço, dedicaram-se a pregar o catolicismo, aprendendo a se comunicar com o povo indígena, consolidando a denominada “língua geral”. Administravam os sacramentos nos indígenas e nos colonos, considerando que faltavam, na época, párocos e religiosos na nova terra. Acreditavam que sua missão não era apenas catequizar os índios, mesmo que esse fosse o objetivo principal que os trouxe até aqui (DECKMANN FLECK, 2007b).

De Paiva (2000) ressalta que o reino de Deus, aquele que governava a todos, é que mandava o padre rezar, o soldado guerrear e o comerciante vender, além da mulher guardar a casa era o que devia ser feito e era isso que era ensinado aos índios. Tudo pertencia à esfera do sagrado, conforme o autor, e assim era a compreensão de mundo perfeito, de paraíso, onde as pessoas deviam servir a Deus e esperar pela salvação.

Observa-se que a catequese nos povoados missionários fomentava a inserção dos padres na vida comunitária local e no cotidiano indígena, assumindo, então, um papel importante nessas comunidades. Os jesuítas assumiram o controle espiritual e social dos índios, com uma atuação administrativa nas aldeias. Mesmo com a resistência de alguns em todos os povoados, era muito mais ativo o controle do que as resistências (SANTOS, 2014). Nesse contexto, importa ressaltar que:

A catequese é entendida como toda a ação pastoral da Igreja: doutrinação, práticas devocionais, o próprio comportamento dos cristãos. Quero observar sua funcionalidade colonizadora. Não interessa a este estudo avaliar essa catequese nem pastoral nem teologicamente. Meu objetivo é mostrar como a catequese dos índios esteve, sem mediações, a serviço do rei (DE PAIVA, 2000, p. 1-2).

Ainda na visão de De Paiva (2000), ressalta-se que mesmo com a diferença cultural, nos primeiros relatos jesuítas, ficou confirmada a possibilidade favorável ao início da catequização. Entretanto, a diferença cultural foi um grande obstáculo pois a missão passa a incidir sobre a mudança de costumes, deixando a conversão ou o aprendizado da doutrina de lado. Isso causou um enorme desconforto entre os indígenas e os jesuítas, pois eles pregavam o abandono da antropofagia, do nomadismo, da poligamia entre outros.

Para Deckmann Fleck (2007a) os indígenas se mostravam dispostos a manter seus costumes e não aceitaram de forma tão simples a nova religião que fazia dos seus costumes algo “errado” ou “pecador”. Para alguns, o comportamento indígena foi visto como “contraditório e inconstante” (*apud* LEITE, 1938) porque da mesma forma que aceitavam a conversão ao cristianismo, aceitando ser batizados, eles queriam continuar com seus costumes religiosos e comunitários.

Nesse sentido, Santos (2014) observa que para os jesuítas, foi fundamental a aceitação de determinadas práticas por um tempo, tentando convencer os indígenas dos perigos delas para a “redenção”. Para ele, os aldeamentos foram uma solução para controlar mais efetivamente os povos indígenas.

Seguindo a visão de Santos (2014) observa-se que os conflitos internos e a tentativa de aldeamento, onde eles não se rebelassem ou continuassem suas práticas nativas, trouxeram inúmeras questões que os jesuítas não conseguiam resolver, como as práticas religiosas indígenas, vistas como heresias por eles, e também sua forma de poderem ter várias esposas.

Tais questões traziam um clima estressante para os missionários e também para os indígenas. Entretanto, como refere-se o autor, “amparados” pelo poder do “braço secular” se viram com a possibilidade de criar rotinas de catequização e ensino, que promoveu a conversão e transformou, de forma vagarosa, mas efetiva, o modo de vida e os costumes indígenas. Importa ressaltar que:

O batismo abria a porta para essa sociedade. Desta forma, a pregação jesuítica tinha um duplice caráter salvacionista: salvava o índio do inferno e salvava-o de sua situação “inferior”. Dificilmente se poderia discernir entre uma e outra salvação: nem o índio, nem o jesuíta. O batismo, in articulo mortis, denota a violência cultural que sofriam os índios: era tal a potência dos invasores que, mesmo não tendo mais nada a perder, ainda assim tinham medo de perder aquilo que os portugueses afirmavam ir acontecer depois da morte. Eles, os portugueses, é que sabiam da verdade. Como dizia o chefe fiji: Verdade – tudo que vem do país do homem branco é verdade; os mosquetes e a pólvora são verdades; sua religião também tem de ser verdade. E, com Sahlins, afirmo, em relação aos nossos índios, que a extraordinária presença do europeu era ... um fato social total, ao mesmo tempo religioso, político e econômico (DE PAIVA, 2000, p. 5).

Retoma-se que o conteúdo da catequese era a doutrina cristã, seus dogmas, princípios morais e espiritualidade. Conforme os estudos de Santos (2014), a catequese se realizava “na medida em que alguém ouve”, sendo que a pessoa que ouve a doutrina é a que realiza a catequese ao receber a informação. Nessa visão, interessa ao nosso estudo que se saiba que por meio de uma mensagem recebida dos jesuítas, os indígenas deveriam responder “creio”, dando a entender que acreditam na doutrina ensinada e estão salvos para “entrar no céu”.

De Paiva (2000) aponta em seu estudo que os indígenas não trabalhavam com esse tipo de “abstrações”, ou seja, não entendiam o que realmente queria dizer o “creio” e repetiam porque viam que os jesuítas se satisfaziam com a resposta. Entretanto existia sim uma dificuldade na comunicação entre eles. O autor relata que se exigia do índio uma demonstração de fé que ele não podia aceitar, por ir contra tudo o que ele sempre aprendeu e acreditou. Deckmann Fleck ressalta que:

O saber original da fé ficou reduzido a decorar. A profissão da fé, a um som, ainda que este som justificasse a cobrança de novos costumes, à moda portuguesa. A catequese dos padres não foi tranquilamente aceita. As dificuldades não eram apenas lingüísticas. Os índios não assistiram passivos à dominação: eles se defendiam como podiam e quando não podiam, fugiam (DECKMANN FLECK, 2007a, p. 5).

Maurer (2019) apresenta em seu estudo sobre os índios antes da Companhia de Jesus, relatando que por meio do entendimento que o catolicismo trouxe ao indígena uma fronteira desconhecida acerca dos argumentos divinos. Evidenciou-se, conforme o autor, que a “pluralidade de imaginários estabeleceu ao projeto reducional a manutenção de um comportamento” (MAURER, 2019, p. 3). O autor cita Jacques Poloni-Simard (1999 *apud IDEM*) que vê o índio como um agente ajustado à rotina colonial, mesmo com as dificuldades em perceber os motivos que realmente apresentavam a necessidade da catequese.

Na cultura indígena o Pajé pregava as tradições conforme sua organização tribal, e o discurso católico vinha de encontro a esse discurso causando estranheza aos índios. Na visão europeia incutida nos indígenas, o pajé seria a desordem, o diabo e o missionário restauraria a ordem. Não seria um desrespeito à cultura indígena?

Essa questão é apontada por Santos (2014) e também aparece nos estudos de Maurer (2019). Assim, na catequese, a salvação se impõe, numa tentativa de destruir o saber dos índios, impondo o saber europeu. Conforme os estudos de Paiva (2000); Santos (2014) e Deckmann Fleck (2007) o missionário desmascara o pajé, reduzindo seu saber e seu prestígio junto aos indígenas, massacrando uma cultura tão importante historicamente para o Brasil.

Conforme os estudos de Leite (1938) não há documentos que comprovem como realmente se deu a catequização. Somente textos europeus relatam isso e trazem muitas contradições, relatando apenas a visão dos missionários. Está relatado nesses documentos que a catequização não vinha produzindo os frutos esperado.

Para o autor, com a concordância de Paiva (2000) e Santos (2014), eram muitas tribos, muito nomadismo, poucos padres e uma gama de perigos que dificultavam o trabalho missionário. Somente o aldeamento não possibilitou a efetivação da catequização. Deckmann Fleck (2007a, p. 8) ressalta que “Os jesuítas gastavam todo o seu tempo em corrigir os costumes: estes se identificavam como a mensagem da salvação”. Iniciavam pela tentativa de uso apenas do português na missão, pois sem usarem a linguagem não poderiam ser gentios nos costumes.

No próximo capítulo será tratada a questão das consequências que a colonização europeia trouxe para a cultura guaraníca. De início estabelece-se as transformações que essa experiência trouxe na cultura indígena para poder compreender o que estas mudanças significaram para a atualidade do Rio Grande do Sul.

4. AS CONSEQUÊNCIAS DA COLONIZAÇÃO EUROPEIA PARA A CULTURA GUARANÍTICA

Os povos indígenas habitantes do território que atualmente é o Rio Grande do Sul eram de diversos grupos guaranis, originários da região da Amazônia. Esses povos eram caracteristicamente seminômades e praticavam a horticultura, de forma bastante avançada para a época, cultivavam mandioca, tinham a noção da coletividade e usavam técnicas da caça e pesca. Locomoviam-se de acordo com a disponibilidade de recursos naturais na região e quando esgotavam tais recursos em um determinado local, partiam para outro (KREUTZ, 2015).

Saito e Lauro (2017) observam que os indígenas que viviam dessa forma dividiam as tarefas de acordo com as necessidades da tribo e também quanto ao gênero. Eles priorizavam atividades de lazer, e alternavam atividades religiosas e de trabalho para subsistência, em conformidade com a tradição de seu grupo.

Essa configuração é bem explicada por Santos (2016) que relata que a divisão de tarefas seguia os códigos da tradição guarani, na busca pela manutenção da memória ancestral, respeitando seu sagrado e sua crença nos grandes espíritos da floresta.

Convém destacar que se tratam de modelos de famílias extensas, as quais se organizam sob um regime de reciprocidade igualitária, que mantém a distribuição dos bens para a garantia da sobrevivência e auto-suficiência, configurando a divisão de tarefas ou atividades por gênero e faixa etária. Portanto, as famílias zelam pelo cumprimento das diferentes atividades na comunidade, tendo por base as unidades domésticas de produção, preservando os princípios de generosidade e reciprocidade, tanto no espaço intracomunitários locais, como nas aldeias guaranis. Essas aldeias eram formadas socialmente por uma, ou algumas poucas choças coletivas, que abrigavam famílias extensas de parentes, as macrofamílias, que constituíam o Teýy, “célula mínima de organização social guarani”. Eram essas famílias as células produtivas guarani, responsáveis pela dinâmica da “produção – consumo” (SANTOS, 2016, p. 30).

Com a chegada dos jesuítas e a formação das reduções por conta da missão católica, esses povos sofreram uma mudança significativa em sua cultura, pois deixaram de ser seminômades para se fixar nas reduções. Alguns não aceitavam essa nova configuração e fugiam, abandonando a tribo, que em sua maioria preferia ficar na missão. A adoção do cristianismo e a proteção da redução traziam uma sensação de segurança para a comunidade indígena, e isso promovia o desejo de permanecer na missão (DE PAIVA, 2000).

Os jesuítas promoveram uma verdadeira revolução econômica e social no meio das tribos indígenas. As reduções representaram para os jesuítas a organização de um espaço novo, pois entendiam os índios como um povo disperso e pagão (SCHALLENBERGER, 1985, p. 18).

Por conta de divergências políticas entre Portugal e Espanha, as reduções missioneiras iniciaram um declínio após o Tratado de Madri no ano de 1750. Esse tratado trouxe algumas questões ao cenário missioneiro, com o início de muitas revoltas e indignação por parte dos indígenas, por conta de mudanças que não queriam aceitar, e pelos jesuítas, que não concordavam com os termos do tratado. Eclodiram, então, as Guerras Guaraníticas, trazendo ao cenário histórico, figuras como Sepé Tiaraju, e que marcaram a história rio-grandense pela morte de milhares de indígenas e pela destruição dos Sete Povos das Missões (GADELHA; POENITZ, 1999).

Para Schallenger (1985) a implantação de um modelo econômico comunal aproveitando os elementos culturais indígenas facilitou a organização de uma região extremamente conflituosa por conta das divergências culturais entre os povos. Muitos povos não aceitavam outras por conta de sua diferença cultural, e isso causava inúmeros embates. Com a organização dos jesuítas, e por meio da catequese foi possível ir deixando esses costumes de combates de diferentes tribos de lado, e os indígenas aprenderam a viver com nativos de diferentes tribos.

Importa retomar que no período de 1630 até 1759, haviam os Trinta Povos das Missões, onde se desenvolveu um sistema planejado em termos territoriais e com características de uma produção especializada em conformidade com as potencialidades do território onde se encontravam. Cada redução possuía uma média de 2000 a 4000 habitantes, interligava-se por estradas com outras reduções e seguia diretrizes dos jesuítas em ações de evangelização (FEIBER, 2013).

Tratava-se de um sistema estruturado com inter-relações econômicas e um forte controle por parte dos jesuítas. Entretanto, isso não servia para os guaranis, que estavam se vendo como escravos dentro de um sistema de sobrevivência o qual, era totalmente estranho para sua cultura. Observa-se que alguns historiadores classificam o comportamento indígena como 'contraditório e inconstante' por motivo que da mesma forma que aceitavam a conversão ao cristianismo, sendo batizados e

seguindo a doutrina cristã, eles queriam continuar com seus rituais e costumes religiosos e de vida em comunidade (LEITE, 1938).

Sobre os jesuítas, importa ressaltar que:

No repertório cultural dos jesuítas que vieram para a América, estava incluída a estrutura mental peculiar da Cristandade ocidental, ao lado de um pensamento sofisticado e agressivo que era um produto típico da Companhia de Jesus (QUEVEDO, 2000, p. 21).

Ainda na visão de Quevedo (2000) se observa que a redução havia se transformado em um lugar de salvação sobrenatural e um novo arranjo para a vida material dos indígenas, onde o índio cristão estaria salvo da escravidão. Nesse cenário, se desenvolveu um novo tipo de habitante, o indígena missioneiro das reduções jesuíticas.

Para ilustrar esse momento do estudo, é importante trazer para a pauta de discussão o herói Sepé Tiaraju. Foi um dos maiores guerreiros indígenas de quem se tem conhecimento, líder da resistência dos Sete Povos das Missões contra as tropas europeias durante a Guerra Guaranítica, ocorrida de 1753 a 1756. Essa guerra teve seu estopim com a assinatura do Tratado de Madri, onde Portugal e Espanha trocaram entre si os Sete Povos que estavam sob domínio espanhol, pela Colônia do Sacramento que era dominada pelos portugueses (GADELHA, 1999).

Oliveira (2004) afirma que Sepé Tiaraju foi o líder dos índios missioneiros contra essa troca de territórios, que foi imposta pelos europeus às comunidades missionárias. Com isso, o herói diz a frase reconhecidamente histórica “Essa terra tem dono”, que alguns historiadores apontam o texto de forma diferente, sendo “Esta terra é nossa! Nós a recebemos de Deus e do Arcanjo São Miguel, somente eles nos podem deserdar”.

A resistência liderada por Sepé teve seu momento mais culminante quando em 1756, o líder chega com um número aproximado de 1500 índios para enfrentar um exército de mais de 3400 homens fortemente armados, das coroas espanhola e português. Sepé tomba no dia 07 de fevereiro de 1756 no local denominado Batovi, atualmente, cidade de São Gabriel, no Rio Grande do Sul (GADELHA, 1999).

Sepé foi o índio missioneiro mais conhecido da história guarani. Mas como ele havia muitos outros, que aceitaram a catequização, que se envolveram com as

missões, e aprenderam a viver na dualidade entre sua crença e a fé cristã. E nesse contexto importa observar que:

Não havia grandes lapsos de tempo, em que os índios não soubessem exatamente o que fazer; tudo, porém, mesclado de orações, cantos, músicas e festejos populares, de tal forma, que o tempo passava despercebido. Poder-se-ia dizer que o índio nem tinha tempo para pensar em vícios e malandragens (BRUXEL, 1987, p. 102).

Essa visão de Bruxel (1987) retoma a ideia que os europeus tinham de que o índio era vagabundo e preguiçoso, por conta de sua cultura totalmente voltada à subsistência somente e não ao acúmulo de riquezas. Importa ressaltar que os índios estavam seguros de que eram livres, vivendo na missão, além de se sentirem livres dos perigos externos que normalmente enfrentavam na vida nômade.

Os estudos de Santos (2014); Oliveira (2004) e Deckmann Fleck (2007b) afirmam que por muito tempo, se entendeu que a catequização dos guaranis tenha sido uma imposição da Igreja, onde o cristianismo foi forçado à realidade da cultura nativa. Entretanto, entende-se, atualmente, que os indígenas foram capazes de se adaptar à cultura europeia como um todo. Aprenderam culinária europeia e adaptaram à sua própria cultura, assim como os jesuítas aprenderam algumas formas de preparar alimentos com os indígenas.

Certo que a aculturação forçada se deu muito mais por parte dos guaranis, mas houveram algumas contribuições para os jesuítas. Houve um diálogo cultural que promoveu a formação de um novo indivíduo, o índio guarani, como já foi dito anteriormente (FEIBER, 2013).

O que se esperava era que os indígenas, quando civilizados, reconhecessem as diferenças entre o ambiente, soubessem se comportar e respeitar os demais e ainda, teriam seus costumes 'selvagens' deixados de lado para comportar-se como seres 'humanos', conforme relatos nos estudos de Feiber (2013).

Nessa visão, temos ainda a análise de Santos (2014) que afirma que os indígenas foram ensinados a imitar o comportamento e o modo de vida europeu, e por isso, os jesuítas consideravam ser esse o comportamento correto e que devia ser aceito.

Os índios teriam que deixar de ser "selvagens" ou "bárbaros", acreditando na religião tida como verdadeira (o cristianismo), adotando o idioma o português, adquirindo hábitos e valores fundamentais para a sociedade europeia. Além

disso, de acordo com o pensamento econômico vigente e em consonância com os interesses mais amplos da colonização, deveriam também cultivar o amor ao trabalho, a disciplina e a ambição de acumular bens e riquezas, valorizando principalmente a agricultura e o comércio.

Essa aculturação foi uma das principais consequências da presença jesuítica para a cultura guarani. Essa ação europeia visava mudar totalmente a cultura indígena, com o abandono, inclusive, da língua e dos costumes nativos, adotando um novo modo de vida baseado completamente no cristianismo europeu. Os índios deveriam desempenhar atividades econômicas no povoado, devendo iniciar o costume de acumular, e não apenas produzir para se alimentar (SAITO; LAURO, 2017).

Feiber (2013) destaca que com a presença jesuítica na realidade guarani, os indígenas, antes seminômades, aprenderam a construir casas, ruas, estradas, paliçadas, transportar materiais e insumos por água e por terra. Também aprenderam ofícios de carpintaria, serraria, olaria e lenharia, aprenderam a trabalhar em engenhos de açúcar e criar vacas, porcos e galinhas de forma organizada e metódica. Tudo a exemplo dos costumes europeus.

Por constituírem-se um núcleo importante da Missão, as atividades econômicas centralizavam-se no tupambaé, reservando-se as melhores áreas de solo para a pastagem e cultivo. Nele, o jesuíta ensinava aos seus fiéis guaranis o uso do arado puxado por bois, e a inutilidade da prática tradicional da coivara. Além disso, introduziram o gado e sua criação intensiva, o que possibilitou sensível crescimento da produção agropastoril (QUEVEDO, 2000, p. 134).

Eram disciplinados por meio da religião, pois o que estavam aprendendo era “civilização”, que era de Deus, abandonando os seus costumes que seria, em breve, castigada pelo diabo. Nesse contexto, é importante analisar que houve também uma mudança na organização familiar desse indígena. As famílias eram poligâmicas, numa conjuntura em que um homem podia ter várias mulheres. Isso mudou, com a imposição da monogamia e do casamento católico. Essa imposição trouxe desagregação social, considerando ainda a relação de parentesco e o sexo (OLIVEIRA, 2004).

Os guaranis, quando pagãos, praticavam, como os demais índios, a poligamia, o divórcio e o infanticídio, e deixavam os filhos crescer em extrema liberdade, cuidando apenas que aprendessem a manejar as armas ou as panelas (BRUXEL, 1987, p. 59).

Outro destaque é tentativa da erradicação da guerra intertribal, só deviam matar os contrários em tempos de guerra. Ainda a antropofagia foi combatida, pois para os jesuítas, a carne humana é sagrada, para os indígenas isso não tinha nenhuma relação com espiritualidade nativa, ou seja, o ato de matar era algo que não tinha uma relação de estar cometendo um ato de pecado perante Deus. Aponta-se que por meio da catequese, instituiu-se aos indígenas que tudo que vinha dos portugueses era bom, e o que vinha de sua própria cultura era mau (SANTOS, 2014).

As consequências da presença jesuítica na cultura guarani podem ser sentidas até hoje, quando se observam indígenas vivendo nos centros urbanos, vendendo artesanatos que não são naturais de sua origem, para sobreviverem. Trazem consigo uma mistura de valores, sentimentos e costumes, que foram, ao longo dos anos, confundidos com os seus próprios e com os trazidos pelos europeus. A aculturação forçada foi, certamente, a consequência mais significativa na história dos guaranis.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os Sete Povos das Missões foram resultado de uma estratégia do Governo espanhol para a colonização da região do Rio da Prata, na América Espanhola, e as reduções eram: São Francisco de Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Miguel Arcanjo, São Lourenço Mártir, São João Batista e Santo Ângelo Custódio. Foram fundadas e organizadas por Padres da Companhia de Jesus, onde havia Índios de diversas etnias, mas em sua maioria, Guarani.

O tema de pesquisa apresentou as Reduções Jesuíticas dos Sete Povos Missioneiros no Estado do Rio Grande do Sul, com uma delimitação que considerou a chegada dos padres Jesuítas no século XVII à região do Rio Grande do Sul e o contato dessa cultura com os povos nativos que transformaram essa região para foco de pesquisa.

O problema de pesquisa trouxe a questão da Fronteira Oeste do atual Rio Grande do Sul, que faz divisa com a Argentina, que é uma região histórica marcada por conflitos e pelos interesses entre as coroas espanhola e portuguesa. Interesses esses que, na maioria das vezes, se resolviam com lutas e guerras, como a **Guerra Guaranítica**, ou Guerra dos Sete Povos, que foi um conflito envolvendo índios da tribo Guarani e as tropas portuguesas e espanholas, entre os anos de 1753 e 1756. Essa guerra foi resultado **das decisões do Tratado de Madri** a respeito dos limites dos domínios de Portugal e Espanha na América do Sul.

A pesquisa justificou-se pela importância da história missioneira para o licenciado em Ciências Humanas, visto que é uma das raízes da cultura regional do Estado do Rio Grande do Sul. Essa cultura faz parte de uma gama de culturas que integram a identidade missioneira da região platina, englobando os países do Prata. Dessa forma, é fundamental aprofundar o conhecimento em relação a história missioneira e os processos que esses povos sofreram para, assim, poder entender o nosso presente, e as transformações que aconteceram durante o tempo.

A relevância do tema vai ao encontro dos Parâmetros Curriculares Nacionais “ao reconhecer as formas de organização social e cultural das comunidades indígenas” quando se conhece a realidade e transformações ocorridas em épocas passadas e se começa a compreender e respeitar as diferenças de outros povos.

O objetivo do estudo foi compreender as implicações e as consequências da catequização jesuítica na cultura e religião dos guaranis Mbyá nos sete povos

missioneiros. Especificamente, o estudo buscou analisar elementos da cultura dos Padres Jesuítas; conhecer elementos da cultura guarani; investigar a cultura deixada pelos jesuítas aos guaranis nos sete povos missioneiros e problematizar o processo de aculturação nos Sete Povos e suas transformações na cultura Guarani.

O estudo foi realizado através de revisão bibliográfica em livros, documentos históricos, artigos e demais materiais científicos que abordam a temática estudada.

Importa ressaltar que a ação da catequese impôs os costumes europeus e tirou dos índios, sua liberdade de expressão. Em todos os sentidos foi o índio que sofreu com essa transformação, pois cedeu e não teve vantagens, virando um escravo dos jesuítas, doutrinado pelo catolicismo, e usado para desenvolver bens para os europeus.

Diversas famílias e comunidades fragmentadas passaram a viver entre os missioneiros para se proteger das ameaças coloniais, considerando-se a força e a bravura dos guerreiros indígenas foram também exemplos de aculturação. Ainda, nos primeiros cem anos, as reduções eram apenas pequenos povoados, com aproximadamente trezentas a mil pessoas cada uma. Esse número variava ano após ano por conta de epidemias, fome e guerras.

Ressalta-se que os documentos que comprovem como realmente se deram a catequização e o processo de aculturação estão formulados apenas por um lado somente, lado europeu. Somente textos europeus relatam isso e trazem muitas contradições, relatando apenas a visão dos missionários. Os estudos aqui utilizados foram todos elaborados a partir de documentos históricos e tradição oral. De todas as transformações ocorridas nesse período, a chegada de um novo indivíduo, o índio missioneiro mereceu destaque.

Em seguimento ao estudo, foi possível conhecer o herói missioneiro Sepé Tiaraju, o mais conhecido da história guarani. Entretanto como ele havia muitos outros, que aceitaram a catequização, que se envolveram com as missões, e aprenderam a viver na dualidade entre sua crença e a fé cristã. Estiveram presentes na Guerra Guaranítica, e junto dele foram massacrados pelas tropas europeias.

Por fim, se observa que a aculturação foi uma das principais consequências da presença jesuítica para a cultura guarani. Essa ação europeia visava mudar totalmente a cultura indígena, com o abandono, inclusive, da língua e dos costumes nativos, adotando um novo modo de vida baseado completamente no cristianismo

européu. Os índios deveriam desempenhar atividades econômicas no povoado, devendo iniciar o costume de acumular, e não apenas produzir para se alimentar

As consequências da presença jesuítica na cultura guarani podem ser sentidas até hoje, e a aculturação foi, certamente, a consequência mais significativa na história das reduções jesuíticas dos Sete Povos missioneiros.

É recomendado para um aprofundamento da presente pesquisa sobre as consequências da presença jesuítica para a cultura Guarani um estudo de campo, sendo usado uma pesquisa quantitativa descritiva sobre os guaranis nas regiões onde se encontravam os Sete Povos Missioneiros.

REFERÊNCIAS

BRUXEL, Arnaldo. **Os trinta povos Guarani**. 2. ed. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1987.

DE PAIVA, José Maria. TRANSMITINDO CULTURA: A CATEQUIZAÇÃO DOS ÍNDIOS DO BRASIL, 1549-1600. **Revista Diálogo Educacional**, v. 1, n. 2, p. 1-170, jul. 2000.

DECKMANN FLECK, Eliane Cristina. O domínio das almas e o controle dos corpos - estratégias Jesuíticas para - estratégias Jesuíticas para o "Viver em redução" (Província Jesuítica do Paraguai, século XVII). **Universum**, Talca, v. 22, n. 2, p. 70-87, 2007a.

DECKMANN FLECK, Eliane Cristina. A educação jesuítica nos Sete Povos das Missões (séculos 17 - 18). **Em Aberto** v. 21, n. 78, p. 109 – 120. Brasília, dezembro de 2007b.

GADELHA, Regina Maria A. F.; POENITZ, Alfredo. **Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea**. [S. I.]: Univ. Pontifícia Comillas, 1999.

KREUTZ, Marcos Rogério. **Movimentações de populações Guarani, séculos XIII ao XVIII - Bacia Hidrográfica do Rio Taquari, Rio Grande do Sul** 2015. 330 f. Tese de Doutorado em Ambiente e Desenvolvimento - Centro Universitário Univates, Lajeado, 2015.

LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

LEITE, Serafim. **História da Companhia de Jesus no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1938-1950. 10 ed. Lisboa, Livraria Portugalia, 1938.

MUSEU DAS MISSÕES. Ruínas de São Miguel. Acervo documental, fotográfico e esculturas. Rio Grande do Sul. Visita realizada no ano de 2013.

QUEVEDO, Júlio. **Guerreiros e Jesuítas na utopia do Prata**. Bauru: EDUSC, 2000.

RATIO ESTUDIORUM. **O Método Pedagógico dos Jesuítas**. Disponível em: <https://bit.ly/3oMfx9D>. Acesso em: 10 de jun. de 2019.

OLIVEIRA, M. O. de. **História e arte guarani: interculturalidade e identidade**. Santa Maria: Editora UFSM, 2004.

PONTES, Beatriz Maria Soares. As bases Geopolíticas dos Sete Povos das Missões. **Revista de Geopolítica**, Ponta Grossa – PR, v. 1, n. 2, p. 57-71, jun.-dez 2010.

SAITO, Akira; LAURO, Claudia Rosas Lauro. **Reducciones: la concentración forzada de las poblaciones indígenas en el Virreinato del Perú**. Lima: Fondo Editorial Pontificia Universidad Católica del Perú, 2017. Lima: Peru, 2017. 682 p.

SANTOS, Fabricio Lyrio. **Da catequese à civilização: colonização e povos indígenas na Bahia**. Cruz das Almas-BA: UFRB, 2014. 288 p.

SCHALLENBERGER, Erneldo. Conflitos coloniais e as Missões: uma avaliação das estruturas sócio-econômicas do Paraguai (Séculos XVI e XVII). **Anais I Jornada Regional da Cultura Missioneira**. Centro de Cultura Missioneira – FUNDAMES – Santo Ângelo – RS, 1985.

SCHNEIDER, Fernanda; WOLF, Sidnei; KREUTZ, Marcos Rogério; MACHADO, Neli Teresinha Galarce. Tempo e Espaço Guarani: um estudo acerca da ocupação, cronologia e dinâmica de movimentações pré-colonial na Bacia do Rio Taquari/Antas, Rio Grande do Sul, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeidi. Ciências Humanas**. v. 12, n. 1, jan.-abr 2017.